

O dia que durou 21 anos em 2013: reflexões sobre a memória e a história política do tempo presente*

José Alexandre da SILVA**

Universidade Estadual de Maringá ^{ROR:::}, Maringá, PR, Brasil
Secretaria de Estado da Educação do Paraná, Curitiba, PR, Brasil

Resumo

O dia que durou 21 anos é um documentário longa-metragem. Foi lançado no ano de 2013, em uma conjuntura política muito específica. Neste texto, tentamos refletir sobre aquele período que parece o marco de um deslocamento na memória referente à Ditadura Militar, aqueles que foram os vencedores por meio das armas voltaram a disputar também as interpretações históricas sobre o período da Ditadura. Os realizadores do filme, Camilo Tavares e seu pai Flávio Tavares, fornecem nossas fontes principais em intervenções e entrevistas, mobilizando memórias e representações que nos permitem refletir sobre a conjuntura política do período em que o filme foi lançado sob a ótica da História Política e da História do Tempo Presente. Nossa hipótese de trabalho é que a ausência de justiça, com relação às violações dos direitos humanos do período da ditadura 1964-1985, colocou as esquerdas brasileiras diante de um dilema, no qual existe a necessidade de um contínuo trabalho de lembrança impossibilitado de atingir o patamar de uma justa memória. A ausência de punição dos violadores de direitos humanos também é indicativa da inexistência de força política para se tentar reverter efetivamente os danos sociais da modernização conservadora implementada pelos governos militares.

Palavras-chave: ditadura militar; história política; história do tempo presente; Nova República.

El día que duró 21 años en 2013: reflexiones sobre la memoria y la historia política de la actualidad

Resumen

El día que duró 21 años es un largometraje documental. Se estrenó en el año 2013, en un contexto político muy concreto. En este texto, intentamos reflexionar sobre aquel periodo que parece marcar un punto de inflexión en la memoria relativa a la dictadura militar, en el que quienes salieron victoriosos por las armas volvieron a disputar también las interpretaciones históricas sobre el periodo de la dictadura. Los realizadores de la película, Camilo Tavares y su padre Flávio Tavares, constituyen nuestras principales fuentes en sus intervenciones y entrevistas, movilizando recuerdos y representaciones que nos permiten reflexionar sobre el contexto político del período en que se estrenó la película desde la perspectiva de la Historia Política y la Historia del Tiempo Presente. Nuestra hipótesis de trabajo es que la ausencia de justicia, en relación con las violaciones de los derechos humanos del período de la dictadura 1964-1985, ha puesto a la izquierda brasileña ante un dilema, en el que existe la necesidad de un trabajo continuo de recuerdo que no puede alcanzar el nivel de una memoria justa. La ausencia de castigo para los violadores de los derechos humanos

* O presente texto é um capítulo modificado da dissertação: *O Ensino de História a partir do cinema documentário: possibilidades com “o dia que durou 21 anos”* (Silva, 2021). Um agradecimento à CAPES pela concessão da bolsa que possibilitou a realização desta pesquisa, realizada no âmbito do Programa de pós-graduação em ensino de história da Universidade Estadual de Ponta Grossa (PROFHISTÓRIA/UEPG).

** Doutorado em História Política pela Universidade Estadual de Maringá. Professor da Secretaria de Estado da Educação do Paraná, SEED/PR. Email: alexandre875@hotmail.com.

 <http://lattes.cnpq.br/7850761836197918>.  <https://orcid.org/0000-0003-0913-4534>.

Recebido em 10 de agosto de 2025 e aprovado para publicação em 21 de abril de 2026.



también es indicativa de la inexistencia de fuerza política para intentar revertir de manera efectiva los daños sociales de la modernización conservadora implementada por los gobiernos militares.

Palabras clave: dictadura militar; historia política; historia de la actualidad; Nueva República.

The day that lasted 21 years in 2013: reflections on memory and the political history of the present

Abstract

The Day That Lasted 21 Years is a feature-length documentary. It was released in 2013, at a very specific political juncture. In this text, we attempt to reflect on that period, which seems to mark a shift in the collective memory regarding the Military Dictatorship: those who had triumphed through the use of arms once again began to contest the historical interpretations of the Dictatorship era. The film's directors, Camilo Tavares and his father Flávio Tavares, provide our primary sources through their interventions and interviews, drawing on memories and representations that allow us to reflect on the political context of the period in which the film was released from the perspectives of Political History and Contemporary History. Our working hypothesis is that the absence of justice regarding human rights violations during the 1964–1985 dictatorship period has placed the Brazilian left before a dilemma, in which there is a need for continuous work of remembrance that is unable to reach the level of a just memory. The lack of punishment for human rights violators is also indicative of the absence of political power to effectively reverse the social damage caused by the conservative modernization implemented by the military governments.

Keywords: military dictatorship; political history; contemporary history; New Republic.

La journée qui a duré 21 ans en 2013 : réflexions sur la mémoire et l'histoire politique du temps présent

Résumé

« Le jour qui a duré 21 ans » est un long métrage documentaire. Il est sorti en 2013, dans un contexte politique très particulier. Dans cet article, nous tentons de réfléchir à cette période qui semble marquer un tournant dans la mémoire collective concernant la dictature militaire : ceux qui avaient triomphé par les armes se sont mis à disputer également les interprétations historiques de cette période. Les réalisateurs du film, Camilo Tavares et son père Flávio Tavares, constituent nos principales sources à travers leurs interventions et leurs interviews, mobilisant des souvenirs et des représentations qui nous permettent de réfléchir au contexte politique de la période où le film est sorti, sous l'angle de l'histoire politique et de l'histoire du temps présent. Notre hypothèse de travail est que l'absence de justice, concernant les violations des droits de l'homme commises pendant la dictature de 1964 à 1985, a placé la gauche brésilienne face à un dilemme, dans lequel la nécessité d'un travail continu de remémoration se heurte à l'impossibilité d'atteindre le niveau d'une mémoire juste. L'absence de sanctions à l'encontre des auteurs de violations des droits de l'homme témoigne également de l'inexistence d'une force politique capable de tenter de réparer efficacement les dommages sociaux causés par la modernisation conservatrice mise en œuvre par les gouvernements militaires.

Mots-clés : dictature militaire ; histoire politique ; histoire contemporaine ; Nouvelle République.

《持续了21年的一天》（2013年）：对巴西军人独裁时期的记忆与当前政治史的反思

摘要

巴西电影《持续21年的一天》(Um dia que durou 21 anos) 是一部大型纪录片，于2013年上映，其政治背景十分特殊。影片的导演卡米洛·塔瓦雷斯 (Camila Tavares) 和他的父亲弗拉维奥·塔瓦雷斯 (Flavia Tavares) 通过访谈各类当事人，害人者和被害者和普通民众对军人独裁统治(1964-1985)的感受，调动了人们对军人独裁时期的记忆和认知，为观众提供了反思的素材。本文从政治史和当代史的角度反思影片上映时期(2013年)的政治背景。作者认为，1964年至1985年军人独裁统治期间所发生的侵犯人权行为至今没有得到公正、公开的揭露和审判，这种缺失使巴西左翼陷入两难境地：一方面，他们希望巴西人民持续铭记那段黑暗的历史；另一方面，由于缺乏公开的审判，巴西民众无法获得公正的历史记忆。对侵犯人权者缺乏惩罚的事实也导致巴西社会缺乏积极有效的政治力量来扭转军人独裁政府推行的保守主义。作者认为，在当前时期（2013年至今），人们

对军人独裁统治的记忆发生了转变，右翼，包括那些通过武力取得胜利的人普遍怀旧那段独裁历史，甚至支持军人再次执政，而左翼力量对这种转变束手无策。

关键词：巴西军人独裁；政治史；当代史；新共和国

Der Tag, der 2013 21 Jahre dauerte: Überlegungen zu Erinnerung und politischer Geschichte der Gegenwart

Zusammenfassung

„O dia que durou 21 anos“ ist ein Dokumentarfilm in Spielfilmlänge. Er kam im Jahr 2013 unter ganz besonderen politischen Umständen in die Kinos. In diesem Text versuchen wir, über jene Zeit nachzudenken, die als Wendepunkt in der Erinnerung an die Militärdiktatur erscheint: Diejenigen, die mit Waffengewalt gesiegt hatten, begannen erneut, auch die historischen Interpretationen der Diktaturzeit für sich zu beanspruchen. Die Filmemacher Camilo Tavares und sein Vater Flávio Tavares liefern uns in ihren Beiträgen und Interviews die wichtigsten Quellen und mobilisieren Erinnerungen und Darstellungen, die es uns ermöglichen, die politische Lage der Zeit, in der der Film erschien, aus der Perspektive der politischen Geschichte und der Zeitgeschichte zu reflektieren. Unsere Arbeitshypothese lautet, dass die fehlende Gerechtigkeit in Bezug auf die Menschenrechtsverletzungen während der Diktatur von 1964 bis 1985 die brasilianische Linke vor ein Dilemma gestellt hat, in dem die Notwendigkeit einer kontinuierlichen Erinnerungsarbeit besteht, die jedoch nicht das Niveau einer gerechten Erinnerung erreichen kann. Die Straffreiheit der Menschenrechtsverletzer ist zudem ein Hinweis auf das Fehlen politischer Kraft, um die sozialen Schäden der von den Militärregierungen durchgeführten konservativen Modernisierung wirksam rückgängig zu machen.

Schlüsselwörter: Militärdiktatur; politische Geschichte; Zeitgeschichte; Neue Republik.

Os anos turbulentos do Tempo Presente

Quais caminhos são percorridos para a realização e divulgação de *O dia Que durou 21 Anos* (O DIA [...], 2012)? E nesses caminhos quais marcas, ou rastros, podem nos servir para entender melhor essa fonte? Quem percorreu esses caminhos em que vamos nos embrenhar novamente à cata de pistas que possam nos ajudar a responder nossas questões? No caso de filmes, sabemos que estamos falando de passos dados por diretores, produtores, roteiristas, fotógrafos, agentes responsáveis por construir, esse texto imagético realizado a várias mãos. Lembrando ainda que, desde as primeiras reuniões, passando pela execução, pesquisa, filmagens, montagens, à divulgação nos circuitos de festivais de cinema, um documentário pode levar alguns anos para ser realizado. Estes momentos de divulgação e debate acabam se tornando novas fontes, uma vez que se tratam de reflexões sobre os resultados do trabalho, novas formulações ou talvez até algo involuntário e revelador. Suas falas são exibidas em reportagens de programas específicos ou transcritas e publicadas em jornais e revistas especializadas se tornando novas pegadas a serem seguidas pelo historiador.

O objetivo do presente texto é refletir sobre duas intervenções na imprensa realizadas pelo diretor Camilo Tavares e sua equipe. Nestas, são realizados questionamentos que ajudam a compreender não apenas o universo mental do diretor, mas também refletir sobre elementos importantíssimos da história do tempo presente no período da abertura política

pós ditadura, 1964-1985. Já a perspectiva da história do tempo presente de Rousso (2016) nos faz levar em conta que as balizas do tempo presente são constituídas pela última catástrofe em data. Em termos globais, o historiador francês se refere à tragédia do holocausto na Segunda Guerra e de como o evento molda o conjunto de ideias a partir dele. Em termos locais, a partir do holocausto, uma série de tragédias de menor escala passam a se replicar e a que nos interessa mais são as ditaduras do Cone Sul na segunda metade do século XX, em especial, a ditadura militar brasileira 1964-1985. Nos seus termos:

[...] é no exato momento em que a Europa empreende em grande escala uma nova onda de reparação judicial, moral ou financeira dos crimes cometidos pelos nazistas contra os judeus, que questões semelhantes surgem quase em todo lugar no mundo, colocando dilemas análogos àqueles, mal resolvidos, de 1945 (Rousso, 2016, p. 222).

É necessário ainda lembrar que essa conjuntura dos anos 2013 e 2014 trouxe mudanças nas quais o fortalecimento da memória positiva da Ditadura é apenas parte integrante. Essa quadra temporal é marcada principalmente pelas manifestações de 2013 em protesto pelo preço do transporte público, que se iniciam à esquerda, porém desvinculadas de quadros partidários e sindicais, a ascensão da *Operação Lava Jato*, e as acirradas eleições de 2014, a prisão do Presidente Lula e a destituição de Dilma Rousseff da presidência da República em 2016. O Período pode ser também o marco de uma enorme crise civilizacional, cujos dois dos resultados eleitorais muito graves vieram a ser as eleições de Trump nos EUA em 2016, no plano externo, e a de Jair Bolsonaro no Brasil em 2018. Eleições que tiveram em suas campanhas o uso massivo *fake news*, numa época que o conceito de pós-verdade se tornou extremamente debatido na Imprensa. É essa ampla possibilidade de difusão de ideias políticas, de forma descompromissada com os critérios verdade, a ponto de comprometer as instituições dos regimes democráticos, que também torna imperioso refletir sobre as concepções e memórias que circulam em nossa sociedade sobre a Ditadura Militar e o período da abertura política.

Nossa perspectiva também parte do princípio de que uma boa metáfora para o trabalho do historiador, seja a do caçador, utilizada por Ginzburg (1989, p. 151):

Por milênios o homem foi caçador. Durante inúmeras perseguições, ele aprendeu a reconstruir as formas e movimentos das presas invisíveis pelas pegadas na lama, ramos quebrados, bolotas de esterco, tufo de pêlos, pilulas entranhadas, odores estagnados. Aprendeu a farejar, registrar, interpretar e classificar pistas infinitesimais como fios de barba. Aprendeu a fazer operações mentais complexas com rapidez fulminante, no interior de um denso bosque ou numa clareira cheia de ciladas.

O historiador italiano investigou as origens de um modelo de conhecimento emergente no século XIX, porém com raízes que remontam à antiguidade. Tal modelo de conhecimento possibilita não se abandonar uma perspectiva de totalidade:

[...] a existência de uma profunda conexão que explica os fenômenos superficiais é reforçada no próprio momento em que se afirma que um conhecimento direto de tal conexão não é possível. Se a realidade é opaca, existem zonas privilegiadas - sinais, indícios - que permitem decifrá-la (Ginzburg, 1989, p. 177).

É nesse sentido que acreditamos que as intervenções de Camilo Tavares na imprensa, por conta do lançamento de “*O dia que durou 21 anos*”, nos ajudam a refletir sobre alguns elementos importantíssimos da conjuntura do início da segunda década do século XXI.

A respeito de nossas fontes, algumas das reclamações dos críticos especializados em cinema dizem respeito à diminuição do espaço conferido ao seu trabalho nos jornais. Tal percepção pode colocar em cheque a atividade, que se faz nos jornais brasileiros, se é de fato crítica. Da mesma forma que aconteceu com a Crítica Literária, um caminho para a atividade do crítico de cinema foi a migração para a Universidade, onde na qualidade de professor, o crítico encontra mais espaço e menos restrições para o seu *metiê*. Tais observações se fazem necessárias no estudo de filmes do século XXI, uma vez que implica um deslocamento na disponibilidade das fontes. Os pesquisadores interessados em filmes do último quartel do século XX, conseguiram estabelecer um circuito de material de divulgação produzido pelos realizadores, crítica veiculada na mídia impressa e crítica universitária. Em nossa época, a crítica veiculada em suplementos dos jornais migrou para veículos muito especializados e mais recentemente para o próprio *YouTube*.

A plataforma do *YouTube* conta com um algoritmo que distribui os vídeos mediante a preferência dos usuários constatada nos seus dados de navegação. No que nos diz respeito, tanto o filme Camilo Tavares quanto os significados que o autor construiu na divulgação do trabalho estão disponíveis neste serviço de *streaming*, o que nos remete para as formas da circulação deste conteúdo nos termos de (Chartier, 1991, p. 186-187) quando afirma que:

Por um lado, a transformação das formas através das quais um texto [aqui pensamos também em imagens] é proposto autoriza recepções inéditas, logo cria novos públicos e novos usos. Por outro, a partilha dos mesmos bens culturais pelos diferentes grupos que compõem uma sociedade suscita a busca de novas distinções, capazes de marcar os desvios mantidos.

Pensando na circulação de conteúdo por esta perspectiva, ao mesmo tempo que este pode encontrar, pela facilidade da difusão, novos públicos com outras possibilidades de apropriação, também pode encontrar grupos refratários ou reativos a ponto de se produzir materiais de contraposição. Nestes momentos, em que propagam e defendem seu produto, os cineastas também mobilizam suas memórias e criam novas representações.

Interesse pela história

Uma pergunta sobre o contexto da sociedade Brasileira feita pela *Revista Berlinda* para Camilo Tavares e sua produtora Karla Ladeia é muito significativa. Não apenas em mostrar o que circulava sobre o Brasil no exterior à época do lançamento de seu filme, mas também por mostrar como diretor e produtora foram inquiridos sobre “*O dia que durou 21 anos*” e quais suas concepções naquele momento sobre a história brasileira. Vejamos como Tavares e Ladeia (2013 *apud* Silva, 2021, p. 45-46) respondem:

[Berlinda:] Parece que há, nesse momento, um interesse maior do Brasil pela própria história, pelo debate sobre o passado, pelas coisas que talvez não estejam a correr tão bem, enfim, pelo lado mais desagradável da História brasileira. Falo das grandes manifestações, de uma expressão artística muito crítica, ou do discurso de Luiz Ruffato na Feira de Livro de Frankfurt.

[Tavares e Ladeia:] Depois de 12 anos de um governo, digamos, mais de esquerda – depois do Fernando Henrique [Cardoso], veio o Lula e agora a Dilma Rousseff – está começando agora a iniciativa da sociedade e do governo para reescrever essa história. A Comissão da Verdade, por exemplo, não atingiu os objetivos e ficou uma coisa muito tímida. Por um lado, sim, há um despertar para o tema, há um esforço do governo. Mas por outro lado há ainda muito receio e muito medo de abrir as feridas. Nesse aspecto, a Alemanha tem muito a nos ensinar, no sentido de rever a história sem tanto medo dos fantasmas do passado.

É necessário notar que ao mencionar o interesse do Brasil pela própria história o entrevistador faz uma conexão com um discurso do escritor brasileiro Luiz Ruffato num evento literário na cidade de Frankfurt. Ruffato era um dos escritores brasileiros em maior evidência em 2013 e fez um discurso pontual, considerado duro, da trajetória brasileira que gerou alguma polêmica. O texto indaga o que significa ser um escritor na periferia do mundo, onde o termo “capitalismo selvagem” deve ser entendido de forma literal.

A sequência de seu discurso é um histórico das mazelas brasileiras, nas quais a nossa aclamada “democracia racial” tem por base o estupro. Falou de racismo, machismo, desigualdade social, sistema prisional, problemas ambientais, apresentando alguns dados. Ressaltou também alguns elementos positivos, como o restabelecimento da democracia, a estabilização econômica e os avanços na área social durante esse período de redemocratização. Sua conclusão é que o Brasil é um país de paradoxos, e de que como escritor tem responsabilidades, sua arte é engajada e tem por objetivo mudar o mundo.

A abordagem de Ruffato não foi unânime. Representantes do governo e colegas escritores criticaram o discurso, que remeteu aos principais problemas brasileiros, realizado num evento internacional, por um membro da delegação do próprio país. No Brasil, organizações tradicionais e conservadoras também criticaram o discurso de Ruffato.

Devemos levar tais elementos em conta quando um jornalista de um veículo de comunicação estrangeiro menciona o episódio ao entrevistar Camilo Tavares.

A memória que veio à tona com o discurso de Luiz Ruffato na Feira de Frankfurt é a de um país extremamente injusto do qual ele próprio faz parte e fez questão de elencar as mazelas de forma contundente. Esta mesma memória, era reprimida por setores conservadores e reacionários, além de representantes do governo “mais de esquerda”, que ocupava o poder político em aliança com os mesmos setores conservadores, tendo em vista que na mesma entrevista em que criticou Ruffato, Marta Suplicy fez um elogio ao discurso do então vice-presidente Michel Temer. Estaríamos, com o discurso de Ruffato, diante de uma tentativa do que (Ricoeur, 2005) chamou de trabalho de lembrança,¹ um uso crítico da memória que levado à sério poderia contribuir para “reescrever”, um termo também utilizado Tavares na sua resposta, a história do Brasil? Se é esse o caso, não faltaram tentativas de se abafar esse trabalho. Tanto na esquerda governista quanto na oposição conservadora.

Outro elemento lembrado na pergunta é o das manifestações de 2013. Mas o que foram essas manifestações? Em 7 de junho de 2013 o *Movimento Passe Livre* (MPL) foi às ruas. Era um movimento pluripartidário, mais ligado às esquerdas, reivindicando a revogação do aumento de passagens na cidade de São Paulo. Durante aquele mês o movimento cresceu, como uma onda difusa, alcançando 12 capitais em 470 manifestações com pautas que criticavam desigualdade econômica, corrupção, falta de investimento em infraestrutura e exigência de uma reforma educacional. No dia 13 do mesmo mês a polícia do governador Alckmin feriu 128 manifestantes, o que gerou indignação e fez mais de 65 mil pessoas saírem às ruas no dia 17.

Se algo ia mal desde 2012, uma frente burguesa antidesenvolvimentista se formara e a política de Dilma para refrear tal movimento carecia de aliança interclassista e ou mobilização de trabalhadores. Nada disso aconteceu. Apesar de uma já evidente baixa arrecadação fiscal, Dilma Rousseff anunciou redução de juros (o que descontentou o setor financeiro que viu suas margens de lucro diminuídas), aumento de linhas de créditos nos bancos públicos, redução na conta de energia elétrica (que precisou de recursos do tesouro nacional para ser mantida) e divulgou um pacote de concessões de rodovias, ferrovias e aeroportos. No plano internacional, grassava uma continuidade da crise econômica com epicentro na Europa e a China desacelerava seu crescimento. As medidas de

¹ Para o filósofo francês, o aspecto crítico reside em contar histórias do passado do ponto de vista do outro. Isso poderia reorganizar o passado no que diz respeito a memórias partilhadas e acontecimentos fundadores. Nas palavras de Ricoeur (2005, p. 4), “Não só os acontecimentos do passado permanecem abertos a novas interpretações, como também se dá uma reviravolta nos nossos projetos, em função das nossas lembranças, um notável efeito de acerto de contas”.

enfrentamento à crise foram muito infelizes, desoneração fiscal e sustentação artificial do preço dos combustíveis (o que fez a Petrobrás arcar com um montante de 50 bilhões de dólares até o final de 2014). A deterioração das contas públicas afastou investimento externo, a alta dos juros se iniciou novamente chegando a 14,25% ao ano em 2015 e a contração da economia começou a ameaçar o mercado de trabalho.

O estado de coisas, em política e economia, talvez não pudesse ser levado em conta nem pelo cineasta Camilo Tavares nem pelo entrevistador da revista *Berlinda*. O clima em 2013 ainda era de otimismo, ainda prevalecia a imagem do Brasil como um *player* internacional. Na Feira de Frankfurt no dia 8 de abril de 2013, um escritor brasileiro de origem humilde, o que não é tão incomum, Luiz Ruffato, jogou um balde de água fria naquela fogueira. O episódio é um dos elementos que leva o entrevistador da Revista *Berlinda* a indagar Camilo Tavares se havia, naquele momento no Brasil, um interesse maior pela sua história ou pelo lado negativo dessa história. Como que numa mesa de bar um alemão perguntasse a um brasileiro: vocês estão realmente dispostos a rever o que fizeram de errado?

Ao responder, o documentarista se referiu aos 12 anos em que chegou ao poder um governo “mais de esquerda”, depois do período de Fernando Henrique Cardoso. Falou em uma necessidade de “reescrever a história” e concordou que se tratava de algo que estava acontecendo de forma muito tímida. Importante notar, nesse ponto, que o termo “mais de esquerda” pode facilmente ser lido como “meio de esquerda”, e que a “abertura”² do Partido dos Trabalhadores descontentou muitos setores da militância do PT e das esquerdas como um todo.

Posteriormente, o escândalo do mensalão, em 2005, foi motivo de grande desgaste político para o governo petista, mas a onda econômica favorável, que permitiu a valorização do salário mínimo e a implantação de programas de distribuição de renda, possibilitou a Lula terminar seu segundo mandato com grande popularidade. Considerando que Fernando Henrique Cardoso havia se desfeito a preço muito baixo de siderúrgicas, companhias telefônicas etc., os governos petistas não conseguiram refrear de todo o processo de privatizações, porém sem descurar dos seus setores de origem. Suas medidas políticas, operaram no sentido de aumentar a cobertura das camadas sociais mais desprotegidas.

Evidentemente não pretendemos estabelecer nenhuma linha de equivalência entre esquerda e direita, ou entre o PT e o PSDB no período. Ainda que os dois partidos que

² Lula utilizou a noção de abertura em depoimento a João Moreira Salles no seu filme *Entreatos* (2004), que narra os bastidores da campanha da primeira eleição presidencial vitoriosa do PT: “Eu, por exemplo, eu me convenci de que o PT tinha que se abrir nessa eleição. Eu me convenci, o Zé Dirceu se convenceu, o núcleo do PT se convenceu” (João Moreira Salles *apud* ENTREATOS, 2004).

polarizaram no Brasil as disputas políticas, no final do século XX e início do XXI, tenham tido origem no mesmo período e um objetivo inicial em comum, a luta pela democracia na fase final da ditadura militar. Não podemos perder de vista que o PT foi criado com objetivo de representar os trabalhadores, com base em sindicatos, uma ala da Igreja Católica e intelectuais. Já o PSDB tinha uma base mais assentada em setores da classe média, se tornando um partido com vocação parlamentar, que acabou por se aliar com a direita, o antigo PFL, uma vez que os anseios das esquerdas se depositaram no Partido dos Trabalhadores. Foi justo na década de 1990, que as tendências mais radicais do PT perderam força e o campo majoritário acabou se impondo dentro do partido iniciando sua estratégia de chegada ao poder, o que ocorreu em 2002 com a primeira vitória do partido para um pleito do poder Executivo. Porém, essa chegada ao poder se deu com aquiescência e apoio das elites econômicas, o que não levou o PT para o campo da direita, mas sim um partido de esquerda administrando uma grande economia numa conjuntura em que talvez não fosse possível fazer uma política que rompesse com a ordem neoliberal. Curiosamente foi a mesma conjuntura que permitiu a implementação de políticas sociais graças ao boom de commodities demandadas pelo mercado externo, principalmente pela China.

Quanto à noção de “reescrita da história”, que o cineasta afirmou estar acontecendo timidamente, em que grau isso desempenhava alguma influência sobre os acontecimentos de 2013? Escrever ou rever a história metodologicamente se trata de atividade desempenhada por historiadores, profissionais que têm o dever de questionar o quanto a transição, da ditadura para a democracia, o fora realizada de forma pactuada, entre militares e dirigentes políticos civis, de maneira que aqueles permaneceram impunes com relação aos crimes cometidos. Lendo então a noção de “reescrita da história” da perspectiva dos direitos humanos, considerando que o Brasil é um dos países do Cone Sul que passou por uma Ditadura Militar sanguinária e não realizou a punição dos responsáveis por crimes como tortura, sequestros e ocultação de cadáver, talvez devamos lembrar que em 2010 o STF rejeitou ação da OAB que questionava o alcance da Lei nº 6.683 (Brasil, 1979), a Lei de Anistia, para quem havia cometido crimes contra os direitos humanos. Trocando em miúdos, a legislação implementada no final do governo Figueiredo, com o objetivo de salvaguardar os agentes da repressão praticada durante a Ditadura, continuou em vigor depois da transição democrática. Ao que tudo indica, a conciliação da qual nasceu a Nova República ainda continuava com bases muito firmes até o segundo mandato de Dilma Rousseff, quando foi negociada a realização tardia de uma Comissão Nacional da Verdade. Isso era indicativo consistente da conjunção de forças do período.

No que diz respeito às questões sociais, representantes do governo de Dilma Rousseff pareciam rejeitar o quadro pintado por Ruffato, com cores duras e realistas, embasado em questões “estruturais”, e ressaltar os matizes dos “programas sociais extraordinários”. A visão do literato foi refutada, na ocasião, em razão das alianças da coalizão governista. Assim, o que Tavares considerava estar em lenta evolução talvez possa ser melhor lido como arranjos legais do período ditatorial permanecendo honrados no período democrático. Voltando à questão da escrita, ou reescrita, da história, talvez sua realização não seja garantia de mudança das concepções no conjunto da sociedade, porém um elemento fundamental para o questionamento das memórias hegemônicas.

A Comissão Nacional da Verdade

Na sua resposta, Tavares menciona também a Comissão Nacional da Verdade (CNV) com sua incapacidade de “abrir as feridas” (Brasil, 2014). A CNV foi instituída no primeiro governo de Dilma Rousseff, com objetivo de investigar casos de violações de direitos humanos. Foi uma deliberação do Congresso Nacional, Câmara e Senado, quase em unanimidade. Isso lhe conferiu um caráter de política de Estado. Funcionou por dois anos e sete meses e seus trabalhos se desdobraram em cerca de outras quase 100 comissões, no âmbito dos estados, cidades, municípios e universidades. O trabalho contou também com a realização de 47 acordos de cooperação, envolveu cerca de 200 pesquisadores e consultores e foram tomados cerca de 1100 depoimentos, realizadas 80 audiências públicas e 11 inspeções de dependências onde foram realizadas torturas com reconhecimento das vítimas. A CNV proporcionou ainda 4 exumações de corpos, inclusive do presidente Juscelino Kubitschek.

A sensação de malogro, com relação à CNV, demonstrada por Tavares pode ser facilmente justificada pelo fato desta ter sido instaurada por volta de um quarto de século depois do fim da ditadura, enquanto nos outros países do Cone Sul, que passaram por regimes semelhantes, comissões análogas se dedicaram de imediato a identificar e punir os responsáveis por crimes de violação de direitos humanos. A questão é que a Lei de Anistia (Brasil, 1979), que incide sobre crimes políticos e conexos, ainda vigora protegendo os responsáveis por crimes de tortura, execução e desaparecimento de pessoas. O termo “conexos” nesse caso tem papel chave e vem sendo interpretado como tudo que ronda o crime político: sequestro, tortura ou desaparecimento, portanto se enquadrando na Lei de Anistia (Brasil, 1979). Em 2010 o STJ validou a anistia para autores de violação de direitos

humanos. A Comissão da Verdade não teve poder de punição dos responsáveis pelas violações de direitos humanos cometidas .

Ao final da CNV, seu relatório final trouxe uma lista de 29 recomendações visando a correção dos erros do passado para prevenção de que os mesmos se repitam no futuro. Dentre as principais pode-se elencar: a responsabilização dos que causaram violações de direitos humanos, incluindo forças armadas e civis, melhoria do sistema prisional, desmilitarização da Polícia Militar e combate à tortura recorrente em instituições policiais. As contribuições mais importantes da CNV, ainda assim, talvez tenham sido: a compreensão de que todos os tipos de violação cometidos por agentes do Estado brasileiros não foram fruto de ações individuais, mas sim de uma política deliberada de Estado; e a exposição na mídia de todas as ações da própria comissão, que se constituíram como nova oportunidade para trazer à opinião pública a memória dos vencidos.

Apesar das recomendações, politicamente muito pouco ou nada foi feito, mesmo havendo vontade política em alguns setores, qualquer medida pertinente contou com a oposição do Exército, que ainda é capaz de utilizar nos dias atuais o mesmo discurso de 1964 para justificação da Ditadura, “salvamos o país da ameaça comunista”. É importante ressaltar que um dos mais importantes depoimentos obtidos pela Comissão foi o do Coronel Paulo Malhões, que descreveu sem pudores, o modus operandi dos agentes da repressão. Poucos meses depois, Malhões foi assassinado e a investigação policial qualificou a morte como crime comum. Outra figura que também havia dado detalhes significativos sobre execuções e ocultamento de corpos, pela repressão ditatorial, é Cláudio Guerra, que já manifestou publicamente temor por sua vida e pela de seus familiares.

Vale lembrar que antes do encerramento dos trabalhos da CNV, já haviam questionamentos a respeito do tipo de “verdade histórica” que a Comissão poderia produzir. Esta questão estava embasada no fato de que a comissão não tinha poder legal de fazer justiça, ou produzir uma “verdade jurídica”. Com esta impossibilidade, produzir-se-ia uma “verdade histórica” ainda que não encabeçada por historiadores. Uma resposta a esta questão parece ter ido pelo caminho de que a Comissão chegou a alguma verdade, porém sem nenhuma justiça, dada a impossibilidade de punir os responsáveis por abusos devido à vigência da Lei de Anistia (Brasil, 1979). Parece razoável afirmar então que a Comissão não produziu muito mais informações do que já se sabia. Talvez possamos chegar à conclusão de que um de seus efeitos tenha sido irritar os militares que voltaram a bater na tecla de que a estava havendo revanchismo.

Alemanha, a catástrofe matricial

Mais um elemento da resposta de Tavares é o elogio à Alemanha por ter a capacidade “de rever a história sem tanto medo dos fantasmas do passado”, numa referência clara ao nazismo. É necessário lembrar que antes do final da Segunda Guerra as potências aliadas já discutiam o que fazer com Hitler e seu estado maior, não esperavam a antecipação do suicídio cometido pelo *Führer*. Quando se optou pela composição de um tribunal em Nuremberg, já havia se cogitado a execução sumária dos nazistas, apenas Herman Goering e mais 21 oficiais menores foram julgados. Goering foi condenado ao enforcamento e antes da execução da pena cometeu suicídio na prisão. Com todas as críticas que o tribunal possa sofrer, ainda devemos considerar que Nuremberg foi a ocasião primeira que tratou de genocídio, crimes contra a humanidade e fundou a noção de Justiça de Transição. Foi um julgamento encabeçado pelos aliados vitoriosos e serve como referência a situações onde não houve o “acerto de contas” com o passado em contextos de transições democráticas.

Dito isso é necessário refletir sobre a resposta de Tavares. Se o Tribunal de Nuremberg foi organizado pelas nações aliadas com intuito de julgar crimes contra a humanidade, cometidos pelo regime nazista dentro da Alemanha e em território de países vizinhos, tendo Nuremberg então como referência para a situação brasileira, precisaríamos de outras nações para organizar um julgamento adequado a quem cometeu crimes contra a humanidade no período da nossa ditadura? Se levarmos em conta que nossos vizinhos do Cone Sul, que passaram por regimes de exceção até mais autoritários e abusivos, puniram militares e civis responsáveis por crimes contra a humanidade e tortura, a resposta a essa pergunta merece um peremptório não. Assim, embora Nuremberg seja referência básica no estabelecimento de Justiça de Transição na Alemanha, o julgamento não aconteceu exatamente por iniciativa propriamente alemã. Não nos parece, portanto, ser boa base de inspiração para o caso brasileiro, levando em conta que a situação aqui se resolveu domesticamente com a passagem do poder político dos militares para os civis, de forma negociada depois da criação de uma salvaguarda para os militares que é a Lei de Anistia (Brasil, 1979).

Outro motivo para se questionar a experiência alemã como modelo de inspiração para a punição dos responsáveis por crimes de tortura no Brasil é analisar o posicionamento dos governos alemães, depois da Segunda Guerra, com relação às ditaduras do Cone Sul. Se na Alemanha as gerações posteriores ao holocausto tinham de lidar com a questão de como seus pais haviam deixado se desenrolar no país tal estado de coisas, no campo da política

as coisas podiam ser diferentes. Norbert Elias analisa essa questão amparado no seu conceito de conflito de gerações. Aqueles que viram a ascensão de Hitler, após sua queda, tenderam a levar suas vidas com certa normalidade. Já na geração de seus filhos parece ter sido comum o questionamento de como vocês puderam ter deixado aquilo acontecer.

A República Federal da Alemanha (RFA), capitalista, e a República Democrática Alemã (RDA), socialista, viam com bastante simpatia as ditaduras latino-americanas. A Alemanha capitalista via a Argentina de 1976 como aliada, mais uma sociedade ocidental, cristã e capitalista que impedia o avanço de regimes socialistas. A Alemanha socialista seguia a Cartilha de Moscou e a URSS impediu que os Argentinos recebessem sanções da ONU quando em 1977 Jimmy Carter criticou duramente a Argentina. Também tinham grande influência as relações comerciais, empresas de armas e a Mercedes Benz aumentaram exponencialmente suas vendas para a Argentina entre 1976 e 1983, além de por vezes tais empresas empregarem nazistas foragidos. Eichmann trabalhou numa concessionária da Mercedes Benz na Argentina e exemplos desse tipo ocorreram no Brasil, Bolívia e Paraguai, onde figuras como Klaus Barbie tiveram acesso facilitado aos seus respectivos presidentes. Na prática, muitos nazistas foram utilizados como representantes de empresas alemãs em ditaduras latino-americanas.

Temos assim na Alemanha nazista um governo que protagonizou um regime que levou a cabo a tentativa de extermínio de um povo considerado de raça “inferior”, juntamente com outras minorias. Os aliados venceram a guerra e levaram alguns dos responsáveis pelo extermínio de minorias a julgamento. A marca da tragédia deixou também um peso bastante grande na geração dos que eram jovens durante o regime nazista, mas, ao que tudo indica, tal carga não era grande o bastante para que a elite política e empresarial tenha se tornado capaz de renegar velhas práticas. Da mesma forma, a elite dirigente continuou a proteger contemporizar com nazistas que conseguiram fugir para a América do Sul.

Por tais motivos, nos parece que pensar a Alemanha como modelo para se pensar a noção de Justiça de Transição no Brasil não é apropriado. A menção a Nuremberg parece dessa forma, uma espécie de sintoma do “regime de memória” sob o qual vivemos no Ocidente. O holocausto deixou marcas tão profundas que a partir das narrativas dos sobreviventes, principalmente após a década de 1970, por meio da literatura e do cinema, se tornou além de marco temporal uma baliza da catástrofe à qual a humanidade pode voltar a atingir. Se tornou parte da memória global. Entretanto, quando Tavares se refere à ausência do nosso Nuremberg, talvez devamos pensar numa articulação adequada entre as dimensões global e nacional dos atuais discursos de memória. Levando-se em conta o fato de que o Tribunal de Nuremberg foi realizado pelas nações vencedoras da Segunda

Guerra diante do horror da “catástrofe” matricial nazista, nos termos de (Rousso, 2016), no caso da Ditadura Militar brasileira, ou qualquer regime autoritário do Cone-Sul, o que tivemos foram às Forças Armadas de seus respectivos países servindo como martelo contra o povo nas mãos de suas burguesias locais em interesses coadunados com as agências de espionagem e o próprio governo dos Estados Unidos.

História, a mestra da vida

Na mesma entrevista na revista *Berlinda*, a produtora Karla Ladeia traz uma concepção de História. Temos que saber o que aconteceu no passado para impedir que isso volte a acontecer no futuro. Nos termos de Tavares e Ladeia (2013 *apud* Silva, 2021, p. 54):

No Brasil todo mundo foi anistiado, inclusive os torturadores. A gente não criou este olhar para a própria história, para poder curar as feridas e para que a história não se repita. Os arquivos ainda estão muito restritos. Não há a liberação total.

A afirmação da produtora parte da constatação de que no Brasil os torturadores ficaram impunes e toca em questões que envolvem memória e história, de modo a dar a entender que um olhar para a história pode curar as feridas e evitar que a história se repita. Temos assim, a noção do “dever de memória” combinada com a concepção de História “*magistra vitae*”, uma espécie de confusão entre história e memória, duas formas de conhecimento que, embora com aproximações e tensões, não devemos confundir. Principalmente, se partirmos do princípio de que a história pode ambicionar uma busca obstinada pela “verdade” dos fatos. Enquanto a memória, pode-se ambicionar no máximo que esta seja fiel ao testemunho. A historiadora francesa Michèle Lagny (2000, p. 32) tem uma formulação que pode nos auxiliar ainda mais sobre esta dimensão da relação entre história e memória:

A ideia de que não compreendemos o presente porque não conhecemos o passado tornou-se lugar comum. O discurso atual sobre a História nos leva a pensar que este passado, entretanto, não deve ser esquecido, mesmo que tenhamos muita dificuldade em explicá-lo. É o 'dever de memória' que mantém a confusão entre História e memória, na qual [...] poderia nos levar a 'imersão na onda indubitável do tempo'.

O filme de Tavares foi bem recebido e talvez tenha sido por isso que seus realizadores estavam otimistas com relação ao alcance da colaboração que a obra poderia fornecer àquele momento da sociedade brasileira. Fatos como a decisão de 2010 do STF que ratificou a Lei de Anistia e que tirou a possibilidade de os trabalhos da Comissão da Verdade resultarem em qualquer punição para os violadores de Direitos Humanos eram encarados apenas como algo que ainda faltava. Porém de fato era a corroboração do processo conciliatório gerado desde a abertura política em que os militares conseguiram

transmitir o poder aos civis permanecendo com os privilégios da impunidade pelos crimes cometidos. Assim, o período da transição democrática parece marcado por ausência de justiça, a respeito dos arbítrios do regime que se abandonava, que viria a resultar em negação do “dever de memória” para com as vítimas e uma concepção de história como medicamento preventivo de uma nova tragédia social.

Se considerarmos que conhecer a História é importante para evitar que esta se repita, ao mesmo tempo que muitos mortos continuam desaparecidos e torturadores, por seu turno, impunes, acabamos incorrendo numa espécie de esquizofrenia. Não à toa muitos livros e filmes dedicados ao período da ditadura são nominados de forma a gerar uma espécie de confusão temporal na representação dos eventos. Podemos considerar, como exemplo principal e matriz, desse tipo de contradição o aclamado ensaio do jornalista Zuenir (Ventura, 1988), *1968: o ano que não terminou*. O título acima parece ter se dar nos moldes de uma temporalidade dilatada, de modo que os eventos representados parecem pinçados para fora do tempo cronológico sendo rememorados em câmera lenta ou numa espécie de vácuo em que os fatos possam ser lembrados sem suas datas, “o ano que não terminou”.

Estamos então, quando falamos da ditadura, diante de anos que não terminam, noites que duram décadas e dias que não existiram. Estaríamos então debruçados diante da

[...] fratura histórica na origem do novo tempo brasileiro, cuja unidade de medida viria ser 1964, o verdadeiro ano que de fato não terminou. Um tempo morto, esse em que a Ditadura não acaba nunca de passar [? E para arrematar sua formulação, Arantes continua:] O mundo começou a cair no Brasil em 1964 e continuou “caindo para sempre”, salvo para quem se iludiu enquanto despencava (Arantes, 2010, p. 210).

Sintomaticamente, a temporalidade fraturada deixa seus resíduos na memória: “Com persistência rara, para o Brasil, 68 ainda povoa o nosso imaginário coletivo, mas não como objeto de reflexão. É uma vaga lembrança que se apresenta, ora como totem, ora como tabu [...]” (Ventura, 1988, p. 14).

Precisamos olhar para estes eventos e dizer algo como “O ano de 1968 terminou”. Mas será possível fazer isso sem ter realizado o dever de memória? Ou ainda, sem refletir, sobre o quanto é uma herança da Ditadura o *modus operandi* das polícias militarizadas que, como demonstram estudos e estatísticas, aumenta a criminalidade e massacra as camadas mais empobrecidas da sociedade? Será que temos ainda de lidar com o passado que não passa enquanto o futuro é construído? Talvez, esse passado deixe, a todos com inclinação democrática, diante de uma espécie de paradoxo, o de continuar a exigir a necessária justiça, a cada efeméride de 1964, por todos os crimes e violações da ditadura. Esse imperativo ético deve ser realizado com as mesmas e escassas energias insuficientes para mudar o rumo excludente e conservador que a ditadura traçou para a sociedade brasileira.

Da memória para a história

Em entrevista concedida ao Instituto Humanitas da Unisinos, Tavares (2013 *apud* Silva, 2021, p. 60) forneceu informações muito interessantes sobre a concepção de seu filme:

IHU On-Line - Quanto tempo durou a pesquisa para o documentário? Qual foi a origem da ideia de fazer essa produção?

Camilo Tavares - Todo o processo levou cinco anos. A ideia inicial era totalmente diferente do filme final. A princípio tínhamos a ideia de compilar as crônicas da vida de meu pai seguindo sua carreira estudantil e depois como jornalista com foco em fatos que marcaram a política do Brasil. Mas depois de uma reunião de roteiro, na qual meu pai me trouxe uma antiga pasta que o José Silveira, do Jornal do Brasil, tinha lhe dado, com fac símiles de telegramas do embaixador Gordon, datados de 1961, percebi que tínhamos nas mãos algo inédito e até então confidencial...

Depois de muitas discussões demos então um novo enfoque ao filme: a câmera estaria na Casa Branca, e os documentos originais “top secret”, quase todos desconhecidos do grande público seriam o roteiro do filme: tudo que está ali é verdade, texto original e foi garimpado nos arquivos de Washington com uma equipe incansável! Além dos telegramas entre a CIA, o embaixador, as Forças Armadas e a Casa Branca, a pesquisa encontrou joias como os áudios originais do Presidente Kennedy e Lyndon Johnson. Parte deste material foi liberada em 2004 e 2005 através da FOIA - Freedom of Information Act (Lei de Livre Acesso à Informação) pela qual o NARA, Institute em Washington, coordenado por Peter Kornbluh (que está no filme!) se destaca com grande mérito.

Além disto, com o apoio de Carlos Fico (UFRJ) garimpamos a mídia dos EUA, buscando programas exibidos em 1962 e 1963 na TV americana (rede CBS e NBC). Estes programas foram peças chave na época da Guerra Fria para convencer e preparar o público e a mídia interna dos EUA da ameaça comunista que o Brasil representava com Jango no poder. Muito parecido com o que vivemos hoje se pensarmos no poder da mídia.

Dada a intenção inicial do diretor, Camilo, um documentário sobre a vida de seu pai, Flávio Tavares, seria algo absolutamente plausível dentro da abordagem de dramas de, filhos ou sobrinhos daqueles que foram vítimas de regimes repressivos. O deslocamento da temática, porém, tirou o projeto da perspectiva da vitimização e o levou a explorar aspectos importantes de serem abordados no cinema, a articulação do embaixador Lincoln Gordon com setores do Exército, imagens de arquivo desconhecidas no Brasil e a criação de um estado de coisas que Flávio Tavares chama de “medo”. A inoculação do medo funcionando tanto dentro dos EUA, com programas televisivos alardeando a possibilidade de um enorme país na América do Sul se tornar comunista, quanto fora, agindo politicamente através de seus embaixadores e adidos diretamente no Brasil. A participação ativa de Flávio Tavares, jornalista, o pai, militante de esquerda que aderiu à resistência armada à Ditadura, parece ter sido crucial no direcionamento do foco do projeto e na realização das entrevistas do filme do filho, Camilo, que pretendia fazer o filme na perspectiva do filho de um pai que não podia estar no próprio país. Parecem dois pontos de vista que acabaram convergindo, o do filho ansioso por falar sobre seu drama de infância, da troca de países ou dos momentos em que

lhes foram roubados a presença paterna e o pai direcionando o caminho para a explicação das causas daquela infância turbulenta.

Flávio Tavares foi militante do Partido Democrático Trabalhista (PDT) e preso em três circunstâncias. Em 1967 passou sete meses na prisão, preso ao ser confundido com um certo Dr. Falcão, e foi solto ao receber habeas corpus do STF. Foi encarcerado novamente em 1969, por participar da libertação de um grupo de marinheiros, nessa ocasião já adepto da luta armada, foi torturado e permaneceu encarcerado por 30 dias. Sua libertação veio da troca, junto com outros 14 prisioneiros, pelo embaixador Charles Elbrick. Ficou como exilado no México e depois passou a residir na Argentina como correspondente do jornal mexicano *Exelsior* e de *O Estado de São Paulo*. Em 1977 foi sequestrado pelo Exército uruguaio, permanecendo 27 dias algemado e preso por seis meses, tendo sido vítima de torturas físicas e psicológicas. Partiu para o segundo exílio em Portugal, voltando ao Brasil em 1979 (Tavares, 2012).

Flávio Tavares também foi integrante do Movimento Nacionalista Revolucionário (MNR), composto por lideranças sociais anteriores ao Golpe de 64 e organizados por Leonel Brizola no Uruguai. O movimento ganhou apoio cubano depois do golpe, antes o apoio da ilha de Fidel já havia sido dado às Ligas Camponesas. Trata-se do mesmo grupo que implantou focos de Guerrilha no Brasil, ao todo 5, dos quais os mais relevantes eram o da Serra de Caparaó e outro no Espírito Santo. No caso de Caparaó, a própria população local denunciou à Polícia Militar a presença de 14 homens desconhecidos e em abril de 67 os integrantes foram presos, caindo por terra a tentativa de criação do foco guerrilheiro. O ocaso fez com que Brizola desmobilizasse também as outras tentativas de foco do MNR.

Sobre esse período Tavares (2012, p. 183) escreveu em suas memórias:

Em meados de 1965, viajei a chamado “urgente” de Brizola, que, então, já morava em Atlântida, um balneário a 70 quilômetros da capital, onde fora “internado” por imposição do governo brasileiro, que o acusava de desenvolver atividades políticas no território uruguaio. Ele abandonara a ideia inicial de “rebelião nos quartéis” e não necessitou de muitos argumentos para me convencer de que o foco de guerrilha era a nova alternativa. Brizola estava literalmente inundado pela concepção de guerrilha, lia revistas do Vietnã do Norte e me contou, inclusive, que fazia exercícios de tiro e assalto a baioneta. (Seu instrutor, o coronel Atilo Escobar, da Brigada Militar gaúcha, com formação convencional de quartel, mesmo sendo homem de pouca leitura, já estava lendo – ou prometera ler – o manual de guerrilhas do Che Guevara.) Toda a veemência dos seus 43 anos concentrava-se em defender “o foco”.

Também não deixa de ser interessante observar os motivos de sua adesão à guerrilha:

Em junho de 1964, menos de dois meses e meio após o golpe militar, fiz 30 anos e me senti um velho despedaçado, massacrado pelo peso de ser obrigado a calar-se e pela sensação de começar a viver entre muros, observado, vigiado, fiscalizado.

E, portanto, mandado. [...] Daí em diante, o caminho para aderir ou participar da resistência tornou-se cada vez mais curto e mais natural. De fato, não fiz uma opção política: tive uma reação moral (Tavares, 2012, p. 170).

Tavares trata sua escolha com consequência, “fiz uma opção moral”. Para aqueles, a participação na Guerrilha havia sido um ato da juventude, generoso, porém uma “porralouquice” que, olhada pelo retrovisor e com alguns anos a mais de maturidade, se configurara em erro. Esta foi a memória que prevaleceu da guerrilha, soterrando uma variedade de memórias do período das quais a de Flávio Tavares é um exemplo.

Estes elementos relevantes a Flávio Tavares nos interessam, pois como Camilo Tavares declarou acima, sua intenção inicial era roteirizar o filme com base em livros do pai. Justamente por intervenção deste, o foco das lentes do filme se desloca para a documentação da CIA, gravações de reuniões na Casa Branca e da Embaixada dos Estados Unidos. As memórias de Tavares, o pai, apesar de vendas expressivas e da visibilidade de premiações literárias, não fazem parte da memória hegemônica da guerrilha, mas o quanto seu papel na produção do filme dirigido por seu filho Camilo, *O dia que durou 21 anos*, pode ter interferido no resultado final? De acordo com as declarações do próprio diretor, podemos dizer, no mínimo, que o filme foi tirado das trilhas da memória e encaminhado para a perspectiva da história.

Conclusão

O período do lançamento de *O dia que durou 21 anos* é representado por diretor e produtores como um momento de conquistas políticas e o cinquentenário da ditadura, em 2014, gerou intensificação do debate acadêmico sobre o tema da ditadura alimentado em parte pelos resultados da Comissão Nacional da Verdade e em outra parte pela efeméride em si. Mas, olhando o período em retrospecto, tivemos uma intensa luta política iniciada com as manifestações de 2013, vitória das eleições presidenciais de 2014 do Partido dos Trabalhadores com Dilma Rousseff para seu segundo mandato, ascensão da Operação Lava Jato, investigando um esquema de corrupção na Petrobrás e sua relação com o establishment político, o que alimentou a insatisfação e um deslocamento de uma fatia do eleitorado tucano de centro direita para a extrema direita, a retirada de Dilma Rousseff do poder Executivo sem crime de responsabilidade e sua substituição por seu vice, Michel Temer, que promoveu uma reforma trabalhista que retirou direitos dos trabalhadores e enfraqueceu os sindicatos, a prisão do presidente Luiz Inácio Lula da Silva e a vitória de Jair Bolsonaro em 2018.

Em 2013 Camilo Tavares acreditava que o Brasil caminhava rumo a um aperfeiçoamento da democracia conseguida no período da Nova República enquanto divulgava um filme que trouxe a um público amplo um panorama de como o poder havia sido tomado pelos militares em 1964. Mas infelizmente, os sinais dos novos tempos já traziam o prenúncio, não apenas, da manutenção do conservadorismo atroz o qual já havia alimentado a ditadura militar para o aprofundamento no Brasil de um processo de modernização conservadora. A crise econômica que chegou ao Brasil em 2014 talvez tenha sido um dos elementos que colaboraram para o desmoronamento das conquistas dos dois primeiros governos Lula, como a expansão do crédito, a valorização do salário-mínimo e a implementação de políticas afirmativas. Tal período de bonança foi sustentado por uma conjuntura internacional favorável da expansão da economia chinesa que demandou commodities extraídas e alimentos produzidos no Brasil. Mas as conquistas do período não resistiram à crise política e econômica que Dilma Rousseff já enfrentou desde seu primeiro mandato.

As questões evocadas pela equipe de produção de *O dia que durou 21 anos*, nos momentos de divulgação e reflexão sobre o próprio filme, nos permitem refletir sobre como setores da esquerda enxergavam o país no período de 2013: otimismo excessivo com relação às conquistas sociais dos governos petistas, que se mostraram um tanto efêmeras; comparação inadequada dos traumas decorrentes do período ditatorial brasileiro em relação a outras nações; concepção de que a história avança de maneira linear; presunção de que a conciliação com as elites econômicas seria sólida o bastante de suplantar uma crise econômica; e a ausência de justiça na Nova República, com relação aos crimes de violação de direitos humanos do período da ditadura, como elemento que indica estar presente o passado traumático.

Como citar este artigo:

ABNT

SILVA, José Alexandre da. O dia que durou 21 anos em 2013: reflexões sobre a memória e a história política do tempo presente. *Passagens rev. int. hist. pol. e cult. jur.*, Niterói, v. 18, n. 2, p. 233-252, maio.-ago. 2026. <https://doi.org/10.15175/10h2mq67>

APA

Silva, J. A. (2026). O dia que durou 21 anos em 2013: reflexões sobre a memória e a história política do tempo presente. *Passagens rev. int. hist. pol. e cult. jur.*, 18(2), 233-252. <https://doi.org/10.15175/10h2mq67>

Copyright:

Copyright © 2026 Silva, J. A. Este é um artigo em acesso aberto distribuído nos termos da Licença Creative Commons Atribuição que permite o uso irrestrito, a distribuição e reprodução em qualquer meio desde que o artigo original seja devidamente citado.

Copyright © 2026 Silva, J. A. This is an Open Access article distributed under the terms of the Creative Commons Attribution License, which permits unrestricted use, distribution, and reproduction in any medium, provided the original article is properly cited.

Editora responsável pelo processo de avaliação:

Gizlene Neder

Fonte

BRASIL. Presidência da República. Casa Civil. Subchefia para Assuntos Jurídicos. *Lei nº 6.683, de 28 de agosto de 1979*. Concede anistia e dá outras providências. 1979. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l6683.htm. Acesso em: 15 ago. 2025.

O DIA que durou 21 anos. Direção: Camilo Tavares. Produção: Karla Ladeia. [S.l.]: Pequim Filmes, 2012. 1 vídeo (77 min). Disponível em: <https://youtu.be/ltawl64zBEo>. Acesso em: 21 abr. 2026.

SILVA, José Alexandre da. *O Ensino de História a partir do cinema documentário: possibilidades com "O dia que durou 21 anos"*. 2021. Dissertação (Mestrado Profissional em Ensino de História) - Universidade Estadual de Ponta Grossa, 2021. <http://tede2.uepg.br/jspui/handle/prefix/3409>

Referências

ARANTES, Paulo Eduardo. 1964, o ano que não terminou. In: TELES, Edson; SAFATLE, Vladimir. *O que resta da ditadura*. São Paulo: Boitempo, 2010. p. 205-236.

BRASIL. Comissão Nacional da Verdade. *Relatório / Comissão Nacional da Verdade*. Brasília: CNV, 2014. Disponível em: <https://is.gd/D9LQol>. Acesso em: 9 fev. 2020.

CHARTIER, Roger. O mundo como representação. *Estudos Avançados*, São Paulo, v. 5, n. 11, p. 173-191, 1991. Disponível em: <https://revistas.usp.br/eav/article/view/8601>. Acesso em: 28 ago. 2025.

ENTREATOS. Direção de João Moreira Salles. Produção: Videofilmes. Brasil: 2004.

GINZBURG, Carlo. *Mitos, emblemas e sinais*. São Paulo: Cia das Letras, 1989.

LAGNY, Michèle. Escrita fílmica e leitura da história. *Cadernos de Antropologia e Imagem*, Rio de Janeiro, v. 10, n. 1, p. 19-37, 2000. Disponível em: <https://bit.ly/3QEZI4B>. Acesso em: 22 ago. 2025.

RICOEUR, Paul. O perdão pode curar? *LusoSofia - Biblioteca On-line de Filosofia e Cultura*, 2005. Disponível em: https://lusosofia.ubi.pt/textos/paul_ricoeur_o_perdao_pode_curar.pdf. Acesso em: 2 abr. 2026.

ROUSSO, Henry. *A última catástrofe: a história, o presente e o contemporâneo*. Rio de Janeiro: FGV, 2016.

TAVARES, Camilo. O dia que durou 21 anos. *IHU On-Line*, ed. 415, 22 abr. 2013. Disponível em: <http://www.ihuonline.unisinos.br/artigo/4904-camilo-tavares>. Acesso em: 21 jan. 2020.

TAVARES, Flávio. *Memórias do esquecimento: os segredos dos porões da ditadura*. Porto Alegre: L & PM, 2012.

VENTURA, Zuenir. *1968: o ano que não terminou*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1988.